

Queda do Muro: 25 anos

Observações à obra de Anne Applebaum
A Cortina de Ferro. O Fim da Europa de Leste. 1944-1956.

A Polónia como Consciência Moral da Europa

A Cortina de Ferro foi o símbolo do conflito ideológico e da fronteira física que dividiram a Europa em duas zonas separadas desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, até ao final da Guerra Fria, em 1991. O termo simboliza os esforços da União Soviética para se bloquear a si mesma e aos seus Estados satélites do contato aberto com o oeste e com as áreas controladas pelo não-soviéticos. Na ala leste da cortina de ferro estavam os países que pertenciam ou estavam ligados à União Soviética. De ambos os lados da cortina, os estados desenvolveram as suas próprias alianças internacionais militares e económicas. Fisicamente, a cortina de ferro era a defesa das fronteiras dos países da Europa, a meio do continente. O Muro de Berlim era a fronteira mais marcante, com o seu Checkpoint Charlie, que simbolizavam a cortina de ferro como um todo. Os eventos que conduziram à demolição da cortina de ferro começaram com o descontentamento da Polónia, que continuou na Hungria, na República Democrática Alemã (Alemanha Oriental), Bulgária, Checoslováquia e Roménia. A Roménia foi o único estado comunista na Europa a derrubar de forma violenta o seu governo totalitário.

A cortina de ferro é uma barreira impenetrável.
Dicionário Webster

A Polónia está sem dúvida a chamar cada vez mais a atenção recentemente. A imagem de mudança da Polónia de hoje não é apenas um caso de uma transformação turbulenta mas de sucesso. Trata-se também, num sentido mais amplo, de uma mudança de paradigma. A Polónia tornou-se num paradigma, no sentido em que oferece

em uma nova maneira de pensar sobre muitas questões da modernidade: sobre a memória histórica, cidadania, nacionalidade, identidade, estado-nação, religião, política, mentalidade e moral.

São vários os factores que coincidem, contribuindo para este facto. De um modo geral, a experiência da Polónia põe à prova muitas teorias da mudança social em vigor no século XX e no início do século XXI.

São excepcionais os sessenta e nove anos de paz e ausência de guerras no seu



POR
**Bronisław
Misztal**

Embaixador da Polónia
em Portugal

território, o que prova que Churchill e Estaline, ao apontarem os polacos como os desordeiros da Europa, tinham uma percepção profundamente errada. É notável o seu renascimento, como uma fé-nix, das cinzas da Segunda Guerra Mundial e a reconstrução da vida material. Atrás da cortina de ferro, que teve uma dimensão tanto ideológica como económica, a Polónia não se redimiou.

O crescimento e a reconstrução de cidades polacas nos anos 50 e 60 contradizem a maioria das teorias da urbanização: tanto o ritmo como o alcance da transformação urbana foram mais rápidos na Polónia, que na Inglaterra do século XIX.

O orgulho enraizado na eleição do Cardeal Wojtyla para o Papado provocou uma maré de esperança e de valores morais profundamente enraizados no catolicismo polaco que foi contra a teoria da secularização do século XX, formulada por Emile Durkheim.

O aparecimento imprevisto e sem

precedentes do movimento “Solidariedade” em 1980, com dez milhões de membros mobilizados, provavelmente não corresponde à experiência das sociedades de consumo frequentemente apáticas e floresceu na época em que os movimentos de trabalhadores foram declarados mortos no Ocidente.

A rápida passagem da alegria para o sentimento de derrota, que veio com a lei marcial de 1981, não trouxe resignação nem um desamparo de longa duração. Mesmo com vários processos demográficos a acontecer, como a emigração em grande escala e a mudança de gerações, a vitalidade da sociedade polaca não foi afetada.

E, finalmente, o colapso do regime e a substituição virtualmente de um dia para o outro de uma economia de cariz socialista para um mercado livre. A substituição de um Estado de previdência social para um liberal, onde o rendimento real disponível por indivíduo foi subitamente encolhido, não produziu nenhuma enorme inquietação ou protesto, pelo contrário, fez ainda geração e meia trabalhar no duro para produzir um sistema de mercado que é abundante, mesmo que não acessível para todos.

E houve ainda os processos interna-

cionais e globais: a Polónia aderiu à NATO em 1999, à União Europeia em 2004 e tornou-se um caso único de relativo sucesso face à crise fiscal do Ocidente.

Sincera, opinativa, comprometida e moderna – a Polónia tornou-se um ator que se sobressai no seio das organizações internacionais, um aliado cuja voz e suporte são procurados. A Polónia é realmente um dos países da Europa mais vibrantes. No entanto, a sua história pesa mais do que a sua identidade presente,



O bloco do leste europeu foi feito, desde o início, com os companheiros mais estranhos de sempre. E o mais estranho de todos, na minha opinião pessoal, foi a Polónia

contribuindo para debates internos complexos e muitas vezes obscuros, de difícil compreensão para um estrangeiro, ainda assim significativos.

De todos os variados e frequentes rótulos simplistas, o mais sólido para quem vê a Polónia de fora, é o de que ela é o “recreio de Deus”. A história da Polónia, que foi escrita pelo historiador britânico Norman Davies, e publicada pela primeira vez em 1979, mostra uma perspectiva complexa sobre os acontecimentos do passado, onde a dicotomia de “vida e morte” foi aplicada a várias situações políticas, económicas e judiciais polacas, algumas das quais mortas de facto, enquanto outras apenas alteradas por manipulação exterior.

O conceito de recreia sugeria que a subjetividade ou a autenticidade tayloriana da Polónia era vista como problemática. Muitos outros argumentaram com as raízes profundas, históricas, estruturais e económicas da lentidão da Europa de Leste (Daniel Chirot, 1989), ligando as reformas tardias dos direitos de propriedade agrícola, no século XIX, as tentativas incompletas e muitas vezes tortuosas de coletivização da agricultura em meados do século XX, à mentalidade dos camponeses da Europa Oriental, que frequentemente consideravam ser capitalistas relutantes. Outros autores ainda (Naomi Klein, 2007) apontam para a implementação de terapias de choque, que conduziriam ao chamado capitalismo de desastre, prevendo tensões internas, se não mesmo uma ruptura social. Até agora, nada disto aconteceu.

Daí proponho para a apresentação de hoje à noite esta minha primeira hipótese: A Polónia, tendo sido campo fértil para testar muitas das principais teorias do final do século XX e início do século XXI, tem demonstrado que está para além do óbvio e vamos esperar que, em vez de fornecer um suporte para as formas estabelecidas de pensar, se torna um exemplo vivo de que os processos sócio-económicos, políticos e morais ainda pode nos surpreender.

A melhor observação de tais processos vem de longe, de gentede todos os tipos, de viajantes, turistas ou estrangeiros, novos colonos o de um modo gera a partir de outros. A melhor análise da democracia americana vem de Alexis de Tocqueville, e a melhor descrição do consumismo americano vem de Jean Baudrillard. Da mesma forma, muitas das observações inte-



ressantes sobre a Polónia são formuladas por aqueles que vieram de fora.

O livro que selecionei como ponto de partida para o debate de hoje é “A Cortina de Ferro. O Fim da Europa de Leste. 1944–1956.” de Anne Applebaum. É importante salientar que o título em português difere do original: em vez de falar de “esmagamento” da Europa Oriental, diz “fim” da Europa de Leste. A diferença é substancial. Em 1956, o processo de captura e esmagamento da resistência anti-comunista na Europa Oriental foi em grande parte concluído, e o bloco, como tal, foi consolidado. O “fim” da Europa Oriental, visto tanto como o fim de uma aliança geopolítica de países satélites, como o fim do conceito de Europa Oriental e posterior substituição e ajuste ao conceito da Europa Central aconteceu apenas 33 anos mais tarde.

O mensagem moral do livro percebe-se pela última frase.

Antes que se possa reconstruir uma nação, o seu cidadão terá primeiro que entender como ela foi destruída, como as suas instituições foram enfraquecidas, a sua linguagem distorcida, as pessoas manipuladas. [...] Eles têm que entender melhor o que motivou os seus antecessores, para ser capaz de ver neles pessoas terrenas e não vítimas de carrascos caricaturadas a preto e branco. Só então será possível reconstruir a sociedade. (P.522, edição polaca)

A mensagem assenta, portanto, no facto de a Polónia, e desta forma outros países da Europa Oriental, ter sido mantida em cativeiro pela União Soviética, no resultado da Segunda Guerra Mundial, e que os soviéticos realizaram um muito complexo processo de distorção da realidade social, a soviétização, como era chamado, concentrando-se numa tarefa de produzir, contra todas as probabilidades, um *homo sovieticus*.

Este empreendimento complexo servia, no fundo, para reprimir as personalidades nacionais individuais, para abafar o pensamento independente e as fontes de crítica social, portanto, para minar as bases da democracia, impedindo os países da Europa Oriental de gozar de autonomia e de poder conduzir o seu próprio destino.

Para todos os que viveram entre 1945 e 1989, e sobretudo entre 1945 e 1956, a castração do espírito livre e a tentativa de produzir uma sociedade moral, so-

cial e cognitiva dependente e desprovida de características de autenticidade nacional, foi uma experiência terrível, e não apenas um conceito abstrato. E ainda hoje, um quarto de século depois da transformação política e da transição do Estado socialista para as muitas nações do Leste Europeu, se pode ainda encontrar restos do *homo sovieticus*, ou vestígios da marca na mentalidade social e na memória histórica do povo deixada por esse dramático período de cativeiro.

Daí a mensagem moral do livro, de que para reconstruir uma nação é preciso entender os antecessores e as suas motivações, abre novos campos cognitivos. É natural que em muitos casos semelhantes de transformação se tenha tentado esquecer, negar, dar um retoque na memória histórica, idealizar ou condenar e denegrir as memórias do passado. O carácter nacional, no entanto, é algo que se molda através de complexos processos de aculturação, por meio da osmose de padrões morais e éticos, com práticas e interações infinitas e discretas, por um comportamento transaccional que é plástico, adaptável e transmitido de uma geração para outra.

A cortina de ferro foi, portanto, um sistema de isolamento cultural, político e social de nações, pessoas, elites e massas semelhante à tendência atual dos proces-

sos em curso noutros lugares. Uma cortina de ferro era uma fronteira, a mais emblemática foi a do Muro de Berlim. Cruzar a fronteira entre as duas Alemanhas era uma experiência humilhante, um episódio de bater com a cabeça contra a parede, independentemente da direção em que se estava a atravessar esta cortina de ferro.

Mas uma cortina de ferro era também um conceito de cativeiro, de um mecanismo que servia para desprover consciências. Estando confusas, perdidas ou renegadas as pessoas tornavam-se colaboradores involuntários, agindo contra seu o interesse e o interesse da nação. Era essa a intenção, a premissa da cortina de ferro – que as pessoas estivessem desprovidas de consciência, e voluntariamente ou não, puxassem para baixo uma cortina de ferro para si mesmas e nas suas nações, e impedissem que a cortina fosse levantada.

O livro de Appelbaum explica muitos dos processos que aconteceram na altura e realmente afetaram a sociedade polaca. Só que a maioria não vingou. Este mecanismo de construção da cortina de ferro, de a puxar para baixo e impô-la sobre as sociedades, era imperfeito, e chocou de uma forma estranha com o *esprit de corps* dos polacos, que conseguiram distorcer uma prática distorcida, silenciando o silenciador, e libertando-se da opressão.

Curiosamente, a mensagem moral do livro está incorporado numa mensagem geopolítica mais ampla. A cortina de ferro foi uma construção feita ao longo de um certo número de países que foram libertados, ou ocupados pelo Exército Vermelho, em resultado de processos de negociação casuais e intencionais da logística de implementação militar na Europa dos últimos dias da Segunda Guerra Mundial.

Em termos puramente políticos a Europa de Leste incluía todos os seguintes países: Polónia, Hungria, Checoslováquia, Alemanha Oriental, Roménia, Bulgária, Albânia e Jugoslávia. Mas não incluía a Grécia, os países bálticos ou a Moldávia. Os países bálticos e a Moldávia eram antigas partes da União Europeia; a Grécia, estando tão distante para sudeste, nunca esteve sob o jugo comunista e nunca foi considerada parte do Bloco Leste. Antes de 1945, estes oito países da Europa de Leste tinha pouco ou nada em comum. Tinham diferentes culturas, organismos políticos e estruturas económicas. Anters, era a Checoslováquia democrática, a ex-fascista Alemanha, a Albânia rural,



A Polónia era vista não apenas como um brinquedo ou um recreio nas mãos das potências mundiais, mas também como um autêntico campo de provas que produziu um hábil, bem treinado e altamente determinado capital humano



Anne Applebaum
A Cortina de Ferro
O Fim da Europa de Leste
 Civilização Editora

a cosmopolita Berlim, as aldeias remotas dos Cárpatos e todos acabaram por trás da Cortina. Alguns tinham tradições monárquicas, alguns ainda estavam num meio feudal, alguns eram autocráticos. Católicos, protestantes, ortodoxos, judeus e muçulmanos dominavam em várias regiões. Os rusophiles e rusophobes, excidadãos do Império Austro-Húngaro, da Prússia, dos impérios Otomano e Russo fizeram a mistura étnica desses países. Alguns deles costumavam ser industrializados e ricos, como a República Checa da Checoslováquia, outros eram, de facto ainda fortemente rurais e atrasados.

Vale a pena lembrar que a Hungria e a Polónia estavam mais desenvolvidas antes da Segunda Guerra Mundial do que a Grécia, Portugal ou Espanha. Alguns tinham permanecido dentro da zona cultural alemã, como a Hungria, outros eram profundamente anti-soviéticos e anti-bolchevique, como a Polónia. E nada no seu passado ou cultura indicava que esses países estavam destinados a ser fundidos num sistema totalitário. O bloco do leste europeu foi feito, desde o início, com os companheiros mais estranhos de sempre. E o mais estranho de todos, na minha opinião pessoal, foi a Polónia.

A escolha de análise de Applebaum incluiu apenas três países: Polónia, Hungria e a Alemanha Oriental. A sua análise centra-se nos mecanismos de sovietação, nos processos que transformaram sociedades anteriormente livres em cativos. Várias simplificações ou mitos são eventualmente demistificadas por ela.

Em primeiro lugar, afirma que a vitória real sobre a ocupação alemã deixou os três sociedades terrivelmente cansadas, as pessoas confusas e esgotadas por esperar tanto tempo para serem libertadas. Uma vez que os russos, ou na verdade os soviéticos, foram os únicos que vieram resgatá-los, enquanto os americanos e britânicos queriam poupar capital humano e evitar uma luta desnecessária e excessiva, os polacos, húngaros e até mesmo os alemães, na sua primeira reação, abriram os braços aos vencedores.

Em segundo lugar, os comunistas que formaram a primeira elite do poder foram cuidadosamente preparados e treinados pelos soviéticos para serem capazes de superar os muitos grupos locais que tinham sido dizimados durante a guerra. Em terceiro lugar, em particular, os soviéticos empenharam-se em colocar aparelhos de segurança poderosos em vários locais que foram se reproduzindo e crescendo rapidamente. Em quarto lugar veio a violência, as deslocalizações forçadas, as violações em massa e os ataques à propriedade privada. O número de pessoas deslocalizadas com o resultado da guerra era quase tão alto quanto o número de pessoas que perderam a vida.

Em quinto lugar, houve limpezas étnicas, massacres e ondas de migração de vários grupos minoritários, nos quais os judeus eram os mais proeminentes. Em sexto lugar, as novas gerações, não tendo nada ou mais nada para acreditar e para participar, estavam a alinhar. Em sétimo lugar, nos três países, houve um esfor-

ço imediato para controlar totalmente as emissões de rádio (rádio pública) que tinham enorme audiência. Enquanto a ilusão de pluralismo nos meios de comunicação se manteve, a difusão mais eficaz foi totalmente controlado. Em oitavo lugar, a política nos países do Bloco Leste baseou-se em disfarce e falsidade, ou seja, na realidade o aparelho político foi progressivamente eliminando a oposição, mesmo quando propagavam a democracia. Em nono lugar, em nenhum dos países ocorreu uma reforma económica real, em vez disso os comunistas impuseram uma reforma institucional que serviu de plataforma para assumir os ativos existentes. Enquanto houvesse ativos existiram, havia também governo, mas assim que os ativos se esgotassem, não haveria nenhum mecanismo que suportasse o poder.

Como resultado, as nações da Europa Oriental viviam vidas complicadas, realidades misturadas com ficção, mentiras com fábulas, e em meados dos anos 1950, quando quadro analítico da Appelbaum termina, estavam com identidades distorcidas. A Europa estava sólida e profundamente dividida, e parecia impensável que o domínio soviético pudesse acabar.

No entanto, 33 anos depois, em 1989, o impensável aconteceu e a cortina de ferro caiu, ou, na verdade, foi destruída por dentro. Applebaum atribui a queda da cortina ao fato de que, por um lado, os regimes do Leste Europeu terem sido construídos sobre promessas de um futuro radiante e, por outro, por não terem sido capazes de suprir as necessidades económicas básicas de suas respectivas populações. Ela argumenta que a transformação só foi possível devido à existência de elementos da sociedade civil, que viu na sua maioria, na Polónia.

As minhas explicações vão mais longe. Acredito que a maioria dos processos macrosociais que os soviéticos e os seus

governos estavam a tentar levar a cabo na Europa Oriental foram deixados inacabados, não conseguidos ou incompletos. Desses processos na Polónia, três merecem destaque.

Primeiro foi a construção da classe operária socialista. De fato, apesar da classe trabalhadora ter ganho um tamanho considerável da industrialização do pós-guerra, ela estava longe de ser socialista. Enquanto os comunistas tinham um controle apertado sobre os intelectuais, a educação dos trabalhadores era relativamente pouco rígida. O fato de a maioria de classe operária polaca ser de origem rural, tornou-os um híbrido camponeses de trabalho, não sendo eles nem camponeses, nem trabalhadores. Para esses, as esperanças de mudança do sistema foram as mais altas.

Em segundo lugar houve a propensão da classe intelectual polaca para idéias e padrões de vida social ocidentais. A cortina de ferro tornou impossível para a maioria das pessoas de viajar e ver, mas os serviços de inteligência foram capazes, a partir de 1957, de beneficiar de intercâmbios culturais com o Ocidente. Se não estou em erro, todos ou a maioria dos conselheiros intelectuais do Solidariedade na década de 80 e início de 90 tinham sido treinados, pelo menos por algum tempo, no Ocidente.

Terceiro, e o talvez mais importante, foi o fato de a elite do poder comunista na Polónia nunca ter estado completamente isolada da comunidade local, e, por isso, da Igreja Católica. Num momento de mudança abrupta é difícil ser servo de dois mestres, e a lealdade para com a comunidade local prevaleceu sobre a lealdade ao partido amorfo. No final do dia, o potencial económico das elites comunistas estava estruturas locais, onde se situavam os activos de privatização.

Mas houve processos mais brandos que também foram responsáveis pelo sucesso da mudança. Um deles foi o processo de aprendizagem. Não foi por acaso que o Comité Polaco de Defesa dos Trabalhadores surgiu dois anos após a Revolução dos Cravos de 1974, e após o momento da queda do regime de Franco. Outro foi o processo de distanciamento que permitiu aos polacos viverem vida afastados do regima. Uma cultura rica em sátira política, em relativas liberdades académicas, e uma evolução de atitudes de vários escritores anteriormente “socialistas”, po-

etas, cineastas, etc criou um tecido moral incomparável a qualquer outro país do bloco. Em terceiro foi o profundo sentido de justiça social que surgiu quando Wojtyła foi eleito Papa. A mistura desses três processos mais brandos contribuiu, senão mesmo criou, a consciência da nação.

A consciência da nação no final do Estado Socialista, mesmo que esta consciência não fosse um pacote moral completo, criou o capital cultural e moral com o qual a Polónia entrou na Europa Unida. Applebaum vê a maior parte desse tecido moral como perfurado, fragmentada e mal interpretado códigos que permitiram ou justificaram muitas dos comportamentos anti-sociais. Mas a sua óptica termina em 1956. Os 33 anos que se seguiram trouxeram não só uma mudança de geração completa como também novas habilidades sociais e experiência.

A corrupção, o roubo e um forte individualismo certamente marcaram os primeiros processos de privatização. No entanto, ao mesmo tempo, a maioria dos polacos entraram na Europa unida com convicções muito firmes sobre liberdades: a liberdade de se mover, a liberdade de se contentar, liberdade para trabalhar, liberdade de comércio. Eles aplicaram esta convicção não só para si, como também a outras pessoas de nações anteriormente cativas.

As fronteiras dos países da Europa de Leste tornaram-se lugares de negociação. Os polacos aceitaram a força de trabalho migratória da Ucrânia, Lituânia e Bielorrússia, e até do Vietnam e Rússia, para vir e se estabelecer na Polónia. Aceitaram também o facto de que, ao viajar para outros países, iriam competir a par com migrantes de outros países do Leste Europeu.

No momento em que a mente europeia se foi fechando de forma gradual, provavelmente melhor sintetizado na influência na opinião pública pelos britânicos, holandeses e alemães, que permitiram e legitimaram esforços para o isolacionismo e o protecionismo nas suas respectivas economias, os polacos mantiveram-se firmes apoiantes e beneficiários da abertura.

Assim, para fechar estes apontamentos, eu gostaria de oferecer hipóteses adicionais. A segunda hipótese é que depois da Segunda Guerra Mundial, as subsequentes privações materiais, físicas e económicas foram acompanhadas por um conjunto de fortes convicções mo-

rais. A Polónia era vista não apenas como um brinquedo ou um recreio nas mãos das potências mundiais, mas também como um autêntico campo de provas que produziu um hábil, bem treinado e altamente determinado capital humano.

Essas convicções, uma mistura bizarra de valores modernos e conservadores, diferem do padrão europeu predominante. Onde a Europa foi conservadora, a Polónia mostrou-se moderna e vice-versa, quando a Europa adotou atitudes negligentes pós-modernistas, a Polónia subscreveu a normas e valores mais conservadores. A fusão moral e o resultado das privações económicas e sociais dos anos 80 e 90 poderão ter servido como uma vacina normativa, fornecendo às novas gerações de polacos mais apoio do que outras nações europeias tenham tido. Quando as outras nações experimentaram as privações da crise fiscal após o ano 2000, para os polacos foi um sinal de que era para não desistir.

A terceira hipótese é a de que, numa altura de coligações pró-europeias fragmentadas, que provavelmente serão visíveis durante as próximas eleições europeias, os polacos poderão aparecer como uma força reparadora moral. O forte sentido de solidariedade polaco, também em solidariedade económica, em relação à crise em países como os do sul da Europa, terá impacto nas políticas sociais da União Europeia. Um forte sentido de responsabilidade em relação aos países em guerra, especialmente os vizinhos do sul, terá impacto na segurança europeia.

A consciência moral de uma nação não se expressa através das declarações dos políticos. É expressa nas ruas, em salas de aulas de universidade, e em debates abertos. Desbloqueia as forças centrípetas numa altura em que, em muitos países, as forças centrífugas políticos parecem ir ganhando mais terreno.

A experiência da Cortina de Ferro foi certamente uma experiência histórica de aprendizagem para todas as nações da Europa Oriental. Fez vários deles simplesmente cuidar deles próprios. A experiência de privação progressiva que afetou vários países do Ocidente fê-los promover o pragmatismo e desprover a política de valores. Estando entre pragmatismo e o individualismo, o pacote moral oferecido pela Polónia, ainda que imperfeito ou incompleto, fornece à Europa mais estabilidade em momentos da mudança. ■